



COLEÇÃO ESTRELAS DA LITERATURA JUVENIL



MORRIS GLEITZMAN

• AUTOR MULTIPREMIADO •

Um Dia

«Um dos 100
melhores livros
para jovens.»
The Guardian



Para fãs de *O Diário de Anne Frank*
e *O Rapaz do Pijama às Riscas*.



*Para todas as crianças
cujas histórias nunca foram contadas*

1

Um dia, eu estava a viver num orfanato nas montanhas, onde não devia estar, e quase provoqueei um motim.

A culpa foi da cenoura.

Sabem quando uma freira está a servir-nos sopa muito quente de uma grande panela de ferro e nos diz que nos aproximemos mais, para não pingar nada, e o vapor da panela nos deixa os óculos todos embaciados? E não podemos limpá-los porque estamos a segurar na tigela da sopa e o vapor não desaparece nem que rezemos a Deus, a Jesus, à Virgem Maria, ao Papa e ao Adolf Hitler?

Foi o que me aconteceu.

Mas lá consigo encontrar o caminho até à minha mesa. Uso os ouvidos para me orientar.

O Dodie, que fica sempre ao meu lado, faz muito barulho a sorver a sopa, tem os dentes tortos. Seguro a tigela por cima da cabeça para os outros miúdos não provarem da minha sopa, enquanto eu estou enevoadado, e uso os barulhos do Dodie a comer para me guiar.

Chego à beira da mesa e pouso a tigela da sopa e limpo os óculos.

E é aí que vejo a cenoura.

Está a flutuar na minha sopa, enorme no meio das amostras de couve e dos pedacinhos de carne e das raras lentilhas e do pó de estuque do teto da cozinha.

Uma cenoura inteira.

Mal posso acreditar. Há três anos e oito meses que estou neste orfanato e nem uma única vez tive uma cenoura inteira dentro da minha tigela do jantar. Nem eu nem ninguém. Nem as freiras conseguem cenouras inteiras, e elas têm direito a pratos mais cheios do que os nossos, porque precisam de mais energia por serem santas.

Aqui nas montanhas não podemos cultivar legumes. Nem se rezarmos muito. É por causa das geadas. Portanto, se uma cenoura inteira aparece neste sítio, primeiro é admirada, e depois é cortada em pedacinhos suficientes que cheguem para as 62 crianças, 11 freiras e 1 padre.

Olho fixamente para a cenoura.

Neste momento, devo ser provavelmente a única criança em toda a Polónia que tem uma cenoura inteira dentro da sopa. Por momentos, penso que é um milagre. Só que não pode ser, porque os milagres só aconteciam em tempos antigos e agora já estamos em 1942.

Depois percebo o que a cenoura significa e tenho de me sentar rapidamente antes que as pernas me fraquejem.

Mal posso acreditar.

Finalmente. Obrigado, Deus, Jesus, Maria, Papa e Adolf Hitler. Esperei que tempos por isto.

Um sinal.

Esta cenoura é um sinal da mãe e do pai. Enviaram-me o meu legume preferido para me dizerem que os seus problemas estão finalmente resolvidos. Para me dizerem que, passados três longos anos e oito longos meses, as coisas estão por fim a melhorar para os livreiros judeus. Para me dizerem que estão a chegar e que me vão levar para casa.

Sim.

Meio tonto de entusiasmo, meto os dedos na sopa e agarro a cenoura.

Felizmente, todos os outros miúdos estão concentrados nos seus jantares, esfomeados, a comer a sopa e a examinar muito bem as tigelas, caso ainda haja uma migalha de carne ou de cocó de rato.

Tenho de ser rápido.

Se os outros virem a minha cenoura, haverá um motim de invejosos.

Isto é um orfanato. É suposto que todas as crianças daqui tenham os pais mortos. Se os outros miúdos descobrem que os meus não o estão, vão ficar muito chateados, e as freiras até podem ter problemas com os superiores católicos, em Varsóvia, por não cumprirem as regras.

— Felix Saint Stanislaus.

Quase largo a cenoura. É a voz da Madre Minka, chamando-me alto da sua mesa elevada.

Toda a gente olha para cima.

— Não brinques com a comida, Felix — diz a Madre Minka. — Se encontraste um inseto na sopa, come-o e agradece.

Todos os outros miúdos me olham fixamente. Alguns têm vontade de rir. Outros estão de cara franzida, perguntando-se o que está a acontecer. Tento não parecer um miúdo que acabou de fazer deslizar uma cenoura para dentro do bolso. Estou tão feliz que nem me importo de ter os dedos a arder da sopa quente.

Finalmente, a mãe e o pai estão a chegar.

Devem estar lá em baixo, na aldeia. Devem ter mandado a cenoura para aqui, pelo Padre Ludwik, para me fazerem uma surpresa.

Quando toda a gente volta a comer, faço um sorriso agradecido à Madre Minka. Foi simpático da parte dela ter feito uma piada para distrair as atenções da minha cenoura.

Houve duas razões para os meus pais terem escolhido este orfanato: porque era o mais próximo e por causa da bondade da Madre Minka. Quando me trouxeram para aqui, contaram-me que, durante todos os anos em que a Madre Minka foi cliente da sua livraria, antes de as coisas se tornarem difíceis para os livreiros judeus, ela nunca, nem uma vez, criticou qualquer livro.

A Madre Minka não me vê sorrir, está muito ocupada a observar a mesa do Saint-Kazimierz, por isso faço outro sorriso agradecido à Irmã Elwira. A Irmã Elwira também não repara. Está demasiado ocupada a servir os últimos miúdos e a consolar uma menina que chora por causa da quantidade de gesso do teto que encontrou na sopa.

Estas freiras são muito queridas. Vou ter saudades delas quando os meus pais me levarem para casa e eu deixar de ser católico e voltar a ser judeu.

— Não a queres? — pergunta uma voz ao meu lado.

O Dodie está a olhar para a minha tigela. A dele está vazia. Chupa os dentes e percebo que está com esperança de que a minha sopa esteja disponível.

Por cima do ombro dele, o Marek e o Telek espreitam.

— Vê se cresces, Dodek — diz o Marek, mas os seus olhos têm uma luzinha de esperança, e também ele espera conseguir um pingo.

Uma parte de mim quer dar a minha sopa ao Dodie, porque os pais dele morreram de doença quando ele tinha três anos. Mas estes tempos são difíceis e a comida é escassa e, mesmo quando temos a barriga cheia de alegria, temos de nos obrigar a comer.

Obrigo-me a comer a sopa.

O Dodie dá um risinho. Ele sabia que eu ia querê-la. A ideia de eu não querer a sopa é tão louca que nos faz rir aos dois.

Depois, paro. Vou ter de me despedir de toda a gente daqui a nada. Isso faz-me sentir triste. E quando os outros miúdos souberem que os meus pais estão vivos, vão saber que não fui verdadeiro com eles. Isso faz-me sentir ainda mais triste.

Digo a mim próprio: não sejas palerma. Não é que eles sejam realmente meus amigos. Não podemos ter amigos quando temos uma vida secreta. Com os amigos podemos ficar demasiado à vontade e deixar escapar coisas, e então eles saberão que temos estado só a contar-lhes histórias.

Mas sinto que o Dodie é meu amigo.

Depois de acabar a sopa, tento pensar nalguma coisa boa que possa fazer por ele. Algo que lhe mostre que eu gostei muito de o conhecer. Algo que torne a sua vida aqui um pouco melhor, depois de eu ir embora, depois de eu voltar para a minha casa, para os meus livros, para a minha mãe e o meu pai.

Sei exatamente o que posso fazer pelo Dodie.

E é este o momento. Começou a seleção para o banho.

A Madre Minka está lá à frente, a verificar se o Jozef está sujo. Ele treme. Todos nós trememos. Esta casa de banho é gelada, mesmo agora no verão. Provavelmente por ser tão grande e ficar abaixo do nível do solo. Em tempos antigos, quando este convento foi construído, esta casa de banho servia provavelmente para fazerem patinagem no gelo.

A Madre Minka agita o bastão em direção ao dormitório. O Jozef agarra na roupa e desaparece dali, aliviado.

— Porco sortudo — murmura o Dodie, a tremer.

Saio da fila e vou até ao pé da Madre Minka.

— Desculpe, Madre — digo.

Ela nem repara em mim. Está a passar o Borys a pente fino, e ele tem quase metade do campo de jogos metido nas unhas das mãos e dos pés. E debaixo dos braços também. Percebo que a Madre Minka está prestes a apontar o bastão para o banho.

Oh, não, é quase tarde demais.

É então que a Madre Minka se vira para mim.

— O que é? — pergunta.

— Por favor, Madre — digo rapidamente. — O Dodek pode ser o primeiro a tomar banho?

Os miúdos que estão atrás de mim na fila começam a sussurrar. Eu não olho para o Dodie. Sei que ele vai compreender o que estou a tentar fazer.

— Porquê? — pergunta a Madre Minka.

Aproximo-me dela. Isto é entre mim e a Madre Minka.

— Sabe que os pais do Dodek morreram de doença — digo-lhe. — Pois o Dodek decidiu que quer ser médico e dedicar a sua vida a lutar contra a doença em todo o mundo. A questão é que, como futuro médico, ele tem de habituar-se a ser muito higiénico e a lavar-se bem em água quente e limpa.

Sustenho a respiração e espero que o Dodie não me tenha ouvido. Ele, na verdade, quer ser um talhante de porcos e tenho medo que ele diga alguma coisa.

A Madre Minka olha para mim.

— Volta para o fim da fila — diz-me ela.

— Mas ele tem mesmo de ser o primeiro a tomar banho todas as semanas — insisto. — Como médico.

— Agora — diz alto a Madre Minka.

Não discuto. Não com a Madre Minka. As freiras podem ter bom coração e ao mesmo tempo ser violentas.

Quando passo pelo Dodie, ele lança-me um olhar agradecido. Eu devolvo-lhe outro a pedir desculpa. Eu sabia que ele não se importaria com a história do médico. Ele gosta das minhas histórias. Além disso, eu acho que ele daria um bom médico. Uma vez, depois de ter tirado as pernas a uma mosca, conseguiu voltar a colar duas delas.

Ui, este chão é mesmo gelado quando se está descalço.

Isso era algo que o Dodie podia fazer no futuro. Inventar sistemas de aquecimento para casas de banho. Aposto que lá para o ano 2000 todas as casas de banho do mundo serão aquecidas. O chão e tudo. Com robôs que tiram a sujidade e a areia da água do banho.

Vejam só, o Borys é o primeiro e a água já está castanha. Nem imagino como estará quando finalmente chegar a minha vez. Fria e com mais coisas sólidas lá dentro do que as da sopa.

Fecho os olhos e penso nos banhos que a mãe e o pai costumavam dar-me. Em frente da lareira, com água limpa e muitos abraços quentes e molhados, e muitas, muitas histórias.

Mal posso esperar para tomar um banho desses outra vez.

Despachem-se, mãe e pai.

2

Um dia, fiquei acordado toda a noite, à espera que os meus pais chegassem.

Não chegaram.

Não vieram.

Mas não faz mal. Ninguém conduz de noite por aquela estrada estreita e rochosa que vem da aldeia até aqui, a não ser que seja o Padre Ludwik. Ele diz que Deus o ajuda a ele e ao cavalo a encontrarem o caminho.

Os meus pais nunca foram muito religiosos, por isso provavelmente não arriscaram.

Assim que for de dia, eles estarão aqui.

Aquilo que me preocupa agora é se eles me reconhecerão depois de três anos e oito meses.

Sabem quando cortamos o cabelo ou nos cai um dente e os pais dizem que nós devemos ser o filho do sapateiro que trabalha ao fundo da rua?

Pois bem, eu mudei bastante mais do que isso. Quando cheguei a este lugar, era roliço e pequeno, tinha sardas

e faltavam-me dois dentes. Agora tenho o dobro da altura, uso óculos e tenho os dentes todos.

Colo a cara à janela fria ao lado da cama, vejo o céu a clarear e digo a mim próprio: não sejas palerma. Recordo o que os meus pais disseram quando me trouxeram para aqui.

— Não vamos esquecer-te — murmurou a mãe, através das lágrimas. Percebi exatamente o que ela estava a dizer-me. Que não se esqueceriam de vir buscar-me assim que os problemas com a livraria estivessem resolvidos.

— Nunca te esqueceremos — disse o pai numa voz rouca, e eu também soube exatamente o que ele estava a dizer. Que, quando viessem, mesmo que eu tivesse mudado muito, me reconheceriam de qualquer maneira.

O sol já espreita por detrás dos portões do convento. Começa a ficar de dia lá fora e já não me sinto tão ansioso.

Além disso, se tudo o resto falhar, tenho o meu caderno.

A capa está um pouco manchada. Tive de o arrancar das mãos do Marek e do Borys, nas aulas. Queria impedi-los de o ler e entornei um pouco de tinta, mas, fora isso, está igualzinho a quando os meus pais mo deram. É o único caderno neste sítio com uma capa amarela de cartão. Portanto, é mais do que certo que eles me reconhecerão se eu o segurar de forma óbvia, quando chegarem.

E quando o lerem saberão que sou o seu filho, porque o caderno está cheio de histórias que escrevi sobre eles. Sobre as viagens que fizeram por toda a Polónia para descobrir porque é que os fornecimentos à livraria se tinham tornado, de repente, tão incertos. O pai a lutar com um urso selvagem que andava a comer autores. A mãe a salvar

uma impressora de livros que tinha sido roubada por piratas. Ela e o pai a atravessarem a fronteira com a Alemanha, para descobrirem grandes pilhas de livros em bom estado a servirem de calços para mesas instáveis.

Bem, muitas das histórias estão um pouco exageradas, mas eles reconhecer-se-ão à mesma e saberão que sou o seu filho.

Que som é este?

É um carro ou uma carrinha, um daqueles que não precisam de cavalos para andar, porque têm um motor. Está a subir a colina. Consigo ouvi-lo a aproximar-se.

Ali vão a Irmã Elwira e a Irmã Grazyna a atravessar o pátio para abrirem os portões.

Pai, mãe, finalmente chegaram.

Estou tão entusiasmado que até embacio a janela e os meus óculos. Limpo-os com a manga do pijama.

Um carro entra no pátio a fazer barulho.

Os meus pais devem tê-lo trocado pelo velho carro da livraria. Acreditem, eles sempre foram modernos. Foram os primeiros livreiros de toda a região a terem uma escada na livraria.

Mal consigo respirar.

Metade do dormitório já está fora da cama, com os narizes colados às janelas. A qualquer instante, vou ver o pai e a mãe.

De repente, deixo de me importar que toda a gente saiba o meu segredo. Talvez dê a alguns dos outros miúdos uma esperança de que as autoridades se tenham enganado e de que os seus pais e mães, afinal de contas, talvez não estejam mortos.

Estranho. As janelas do carro estão embaciadas e não consigo ver bem, mas parece-me que há mais do que duas pessoas no carro. Os meus pais devem ter dado uma boleia ao Padre Ludwik. E a alguns familiares seus que queriam passar um dia fora.

Não consigo perceber quais são o pai e a mãe.

Levanto o meu caderno para que o vejam.

A porta do carro abre-se e as pessoas saem.

Olho-as fixamente, entorpecido de desilusão.

Não são os meus pais, são só uma data de homens de fatos com braçadeiras.

— Felix — diz o Dodie com urgência, agarrando-me pelo braço quando eu ia a sair do dormitório. — Preciso da tua ajuda.

Faço-lhe um olhar implorante. Não verá ele que também eu estou a tratar de algo urgente? Vou perguntar à Madre Minka se os meus pais deixaram algum bilhete com a cenoura, a dizer exatamente quando é que vão chegar. Tenho a cenoura comigo, para avivar a memória da Madre Minka.

— É o Jankiel — diz o Dodie. — Está escondido na casa de banho.

Suspiro. O Jankiel só está cá há duas semanas e ainda fica muito nervoso com pessoas estranhas.

— Diz-lhe que não tem de se preocupar com nada — digo ao Dodie. — Os homens do carro provavelmente são apenas alguns superiores da Igreja Católica. Provavelmente vieram só confirmar que todos os nossos pais morreram. Em breve irão embora.

Encolho os ombros de forma descontraída para que o Dodie não perceba como estou nervoso por causa dos tais oficiais. E como desejo desesperadamente que a Madre Minka se lembre da história que combinámos sobre os meus pais. Sobre como eles tinham morrido num acidente na quinta. Tragicamente.

— O Jankiel não está a esconder-se dos homens do carro — responde o Dodie. — Está a esconder-se do esquadrão da tortura.

Ele aponta. O Marek, o Telek, o Adok e o Borys estão a dirigir-se para as casas de banho do dormitório.

— Anda — insiste o Dodie. — Temos de salvá-lo.

O Dodie tem razão. Não podemos deixar o Jankiel à mercê do esquadrão da tortura. O Marek e os outros têm andado atrás dele desde o dia em que chegou. Há três anos e oito meses que não tinham um novo miúdo para torturar.

Desde mim.

O Dodie abre a porta da casa de banho com força. Entramos. O Marek, o Telek, o Adok e o Borys puseram o Jankiel de joelhos. O Jankiel está a suplicar-lhes. A sua voz faz algum eco porque ele tem a cabeça meio metida dentro da sanita.

— Não te debatas — diz-lhe o Telek. — Isto não vai doer.

O Telek está a mentir. Vai doer. Doeu quando mo fizeram a mim, há três anos e oito meses. Termos a cabeça empurrada para dentro do buraco da sanita dói sempre.

— Esperem — grito.

O esquadrão da tortura vira-se e olha para mim.

Sei que as minhas próximas palavras ou salvarão o Jankiel ou não. Desesperadamente, tento pensar em qualquer coisa boa.

— Um cavalo esmagou os pais dele — digo.

Agora o miúdo novo também me olha fixamente.

Agarro com força o meu caderno e deixo a minha imaginação mandar.

— Um cavalo do campo, muito grande e forte — continuo. — Teve um ataque cardíaco no meio da lama e caiu em cima dos pais dele. O cavalo era demasiado pesado para o Jankiel conseguir movê-lo e, por isso, teve de ficar ali a tomar conta dos pais, durante um dia inteiro e uma noite inteira, enquanto a vida os abandonava lentamente. E sabem quais foram as suas últimas palavras, para o seu único filho?

Vejo que o esquadrão da tortura não faz a mais pequena ideia.

Nem o miúdo novo.

— Pediram-lhe que rezasse por eles todos os dias — digo. — À hora exata em que eles morreram.

Espero que o sino da capela acabe de dar as sete horas.

— Às sete horas de todas as manhãs — concluo.

Toda a gente absorve isto. O esquadrão da tortura parece indeciso. Mas já não estão a empurrar ninguém pela sanita abaixo, o que é bom.

— Isso é só mais uma das tuas histórias — rosna o Telek, mas percebo que ele tem dúvidas.

— Depressa — diz o Dodie. — Estou a ouvir a Madre Minka a aproximar-se.

Isto também é uma história, porque a Madre Minka está no pátio a receber os oficiais católicos. Mas o Marek e os outros ficam ainda mais reticentes. Trocam olhares e depois correm para fora da casa de banho.

O Dodie vira-se para o Jankiel, aborrecido.

— O que é que eu te disse? Sobre não vires para aqui sozinho?

O Jankiel abre a boca para responder e depois fecha-a outra vez. Espreita para lá de nós, a tentar ver o pátio lá em baixo.

— Eles já foram? — pergunta.

O Dodie acena e aponta para o dormitório.

— O Borys está a pôr lama na tua cama — diz.

— Estou a falar dos homens do carro — diz o Jankiel.

Parece agora quase tão assustado como quando estava com o esquadrão da tortura.

— Estão quase a ir embora — respondo-lhe. — A Madre Minka está a tratar deles.

O Jankiel parece ficar um pouco menos nervoso, mas só um pouco. Dou comigo a pensar se ele também terá pais secretamente vivos.

— Obrigado por me salvarem — diz ele. — Essa história sobre os meus pais terem sido esmagados foi boa.

— Desculpa se te trouxe más memórias — respondo.

— Nã — diz ele. — Os meus pais morreram gelados.

Olho-o fixamente. Se é verdade, é terrível. Deviam ter o chuveiro ao ar livre ou qualquer coisa assim.

O Jankiel olha de relance para o meu caderno.

— Costumas inventar muitas histórias? — pergunta.

— Às vezes — respondo.

— Eu não sou muito bom com histórias — diz ele.

Quando nos encaminhamos para o dormitório, vou pensando se o Jankiel poderá ser judeu. Tem olhos escuros como eu. Mas não lhe pergunto. Mesmo que fosse, não o diria. Não aqui.

O Dodie fica com o Jankiel, que está outra vez a espreitar nervosamente pela janela, e eu saio, esperando que a Madre Minka já se tenha livrado dos oficiais, para que eu possa fazer-lhe perguntas sobre os meus pais.

Enquanto desço a escada a correr, também olho pela janela.

No pátio, a Madre Minka discute com os oficiais. Agita os braços, coisa que só faz no meio de discussões muito sérias.

Paro e fico a olhar.

Que fumo é aquele?

É uma fogueira. Os homens acenderam uma fogueira no pátio. Porque estarão a fazer aquilo? Não deve ser para se aquecerem, o Sol já vai alto e hoje vai estar um dia quente.

Agora percebo o porquê de a Madre Minka estar tão zangada. O fumo está a entrar na capela e nas salas de aula e no dormitório das raparigas.

Oh, não, já vi o que os homens estão a queimar.

É terrível.

Se a mãe e o pai vissem isto, fartavam-se de chorar.

As outras freiras também estão lá em baixo no pátio e algumas escondem a cara com as mãos.

Eu próprio me sinto muito perturbado.

Os homens estão a queimar livros.

Livros que te surpreendem pela história,
que te atraem pela imagem,
que te encantam pela mensagem,
que se distinguem como estrelas brilhantes.

LIVROS QUE FICAM PARA SEMPRE CONTIGO

«Toda a gente merece ter alguma coisa boa na vida,
pelo menos uma vez.»

A vida de Felix Salinger não é nada fácil. Ele é judeu e vive num orfanato na Polónia dos anos 40, em plena Segunda Guerra Mundial. Felix gosta de ler, escrever e contar histórias. Até que um dia, decide fugir para procurar os seus pais.

A determinação, inteligência e imaginação de Felix vão ajudá-lo a lidar com situações muito difíceis, no meio de nazis e cidadãos apavorados, e a encontrar pessoas maravilhosas, como a pequena Zelda e o velho Barney.

Contada na primeira pessoa, por uma criança cheia de sonhos e muito inocente, esta emocionante história aborda a infância, a solidariedade, a amizade, a coragem e a esperança no meio do drama da guerra.

**Este é um livro que nos toca, que não se esquece.
Pode ser lido por várias gerações, que o vão entender,
certamente, de forma diferente.**

 imagina descobre voa 20 20 editora	ISBN 978-989-707-578-0   9 789897 075780 Literatura Juvenil
--	---